Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

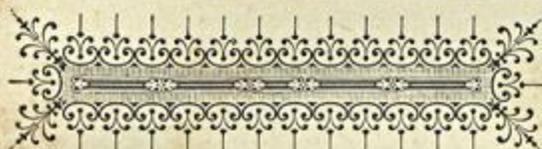
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

13.º ANNO — VOLUME XIII — N.º 418

1 DE AGOSTO DE 1890

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Eu não conheço maior argumento contra a pena de morte, do que a propria pena de morte. E a prova ahi a tem agora em Hespanha.

Hygina Balaguer era uma criminosa repelente, abjecta, infamissima.

Veio a pena de morte e o que fez d'ella?

Uma victima sympathica a todos, aureolada pelo martyrio.

A justiça é uma cousa grande, bella, sagrada.

Veio a pena de morte e o que foi que d'ella fez?

Uma coisa odiosa, repugnante, vil.

A pena de morte trocou os papeis, inverteu as situações, fez do que era abjecto, grande, do que era grande abjecto, transformou a criminosa n'uma santa, transformou a lei n'uma criminosa. E todas as indignações, todos os odios todas as antipathias que na vespera rugiam contra aquella mulher vilissima que para roubar umas joias e um dinheiro matara cobardemente uma velha indefeza, voltaram-se contra a justiça cruel que matou cobardemente uma indefeza mulher. Ahi tem para que serve a pena de morte.

Para exemplo?

A propria Hespanha respondeu a este argumento no mesmo dia em que Hygina Balaguer expiou no cadafalso o seu crime; no mesmo dia em que a assassina era executada dava-se em Madrid um outro assassinio!

Eis de que serve o exemplo da pena de morte!

Os criminalistas de rabicho e cutello, agarrados ás velhas formulas da antiga penalidade, respondem aos argumentos contra a pena de morte accoimando-os de sentimentalidades de poeta.

E' a unica resposta que encontram no seu arsenal de dialectica; e entretanto se esses homens tem olhos para ver, se tem ouvidos para ouvir, se tem criterio para julgar, pelo que viram e pelo que ouviram no dia em que Hygina Balaguer subio ao cadafalso, devem ter comprehendido bem que isso a que elles chamam desdenhosamente sentimentalidades de poeta, é o pensar, é o querer do seculo, é a corrente da civilisação que caminha, destruindo tudo que lhe põe obstaculo, é a luz que avança desterrando as trevas que se oppõe ao seu caminhar.

Quem morreu no cadafalso foi a mulher que assassinou a velha Varella, mas quem padeceu mais com o golpe que a atirou para o outro mundo, que acabou com o seu penar, foi a justiça que matou Hygina Balaguer.

A rainha de Hespanha, que é mulher, que é mãe, comprehendeu e sentiu bem tudo isso, comprehendeu e sentiu que no seculo em que vivemos ha uma coisa, que vale muito mais para Deus e para os homens, que a inflexibilidade da justiça — a clemencia do perdão, e quiz perdoar.

Mas para um rei constitucional, querer nem sempre é poder, e Hygina Balaguer foi executada.

E Madrid, a alegre e formosa Madrid, a radiosa cidade do luxo e dos prazeres assistiu assombrada a essa sombria scena de sangue e horror, e chorou sobre o cadaver da criminosa como se chora sobre o cadaver d'uma martyr, e nós que conhecemos a Hespanha, a nossa jovial visinha, ao lermos nos seus jornaes a dramatica narrativa dos ultimos momentos da condemnada, ao vermos a descripção minuciosa de todos os promenores da execução, custounos a acreditar que esse medonho melodrama se passasse a dois passos de nós, que essa sinistra tragedia tivesse por theatro Madrid, por epocha o anno de 1890, e sentimo-nos cheios de legitimo e santo orgulho por termos de ha muito arrancado do nosso codigo penal essa pagina negra que mancha ainda hoje a legislação de muitas nações civilisadas e cuja barbara inutilidade nós podemos mostrar triumphantemente ao mundo com a historia de nosso tempo, com o registo criminal d'estes ultimos annos.

A pena de morte foi riscada do nosso codigo e nem por isso o cadastro do crime augmentou: pelo contrario os

D. ANTONIO DA SILVA LEITÃO E CASTRO — BISPO DE ANGOLA E DO CONGO

(Segundo uma photographia de La Cuadra)

crimes monstruosos que d'antes se repetiam a miude quando na forca se balouçavam os cadaveres dos criminosos, tornaram-se muito mais raros desde que a forca desappareceu, ao passo que lá fóra onde os legisladores insistem em conservar a pena de morte com o unico argumento do exemplo, os crimes não diminuem e até pelo contrario se dá o facto curioso, original, de quasi sempre logo apoz a execução de qualquer criminoso celebre, surgir outro crime da mesma natureza, nas mesmas circumstancias, como que pautado sobre elle, como por exemplo se deu com o Tropmann, com o Prazini, com tantos outros.

A pena de morte está de ha muito condemnada em ultima instancia pelo espirito humano. Todas as accusações que contra ella no libello dos grandes pensadores e dos grandes philosophos se tem formulado estão de pé e nunca foram derrubados pelos seus defensores, e mesmo que a justiça dos homens podesse provar a sua infallibilidade, mesmo que todos os dias não surgissem de todos os cantos Lesurques e Borras a demonstrar que não ha nada mais fallivel do que essa justiça, os argumentos contra a pena de morte ficariam inabalaveis, porque depois de provar que a justiça não se engana, faltaria provar ainda o direito com que a sociedade tira a um dos seus membros aquillo que lhe não pode restituir — a vida, faltaria provar qual a vantagem da pena de morte, para que é que serve essa pena que está provadissimo não servir para nada, senão para tornar sympathico o criminoso e tornar odiosa a lei, como acaba de o demonstrar o reviramento profundo que no espirito de toda a Hespanha que pensa e que sente produziu a execução de Hygina Balaguer.

*
* *

Annunciam os jornaes que vae brevemente inaugurar-se em Lisboa uma nova casa de espectaculos, o Colyseu das portas de Santo Antão, que ficará sendo a casa de espectaculos de maior lotação que ha em todo o reino, pois comportará mais de oito mil espectadores.

Esse Colyseo vae abrir em breve as suas portas, diz-se, e já ahi nas montras de varias lojas estão em exposição os retratos dos artistas da companhia que para ali vem funccionar — uma companhia d'opera comica italiana.

Muitos jornaes tem-se occupado e com muita razão das condições de segurança que offerece esse novo circo ao publico em caso de sinistro, e o caso é seriissimo, d'uma gravidade extrema e nunca será de mais o escrupulo e a attenção que lhe dediquem as auctoridades competentes.

Entre nós floresce de tempos immemoriaes uma coisa chamada a *empenhoca*, e é absolutamente indispensavel, que ella, contra todos os seus habitos, e usanças não metta o nariz n'esta questão.

Esta questão é das taes em que seria um verdadeiro crime deixar entrar o empenho, o favor, a benevolencia.

Trata-se nem mais nem menos do que da segurança de todos nós e perante o interesse de todos devem calar-se os interesses d'alguns,

O novo Colyseo é enorme: tem duas ordens de camarotes, por cima d'estes camarotes ainda tem uma vasta galeria—*promenoir*—,comporta oito mil pessoas, e é necessario, é indispensavel que esse Colyseo esteja construido de maneira a dar vasão rapida a essas oito mil pessoas em caso de sinistro.

Tem essas condições?

Não sabemos, mas é necessario que as auctoridades competentes verifiquem isso com todo o escrupulo e não deixem funccionar a nova casa d'espectaculos sem que ella corresponda perfeitamente a todas as exigencias modernamente requeridas nos theatros sem que offereça todas as garantias ao publico para a sua segurança.

Isso porém é com as auctoridades e cremos que ellas cumprirão á risca com os seus deveres, sem se deixarem influenciar por benevolencias que no caso actual implicariam gravissimas responsabilidades. poderiam mesmo constituir um verdadeiro crime.

Entretanto, na noticia da abertura do novo circo ha outra coisa muito grave tambem e para que me parece que o governo devia olhar seriamente, para os interesses da arte dramatica nacional.

E essa arte tem bastante direito a que os poderes publicos attentem n'ella, porque sendo a mais desprotegida de todas as bellas artes é precisamente aquella que mais gloria dá ao nosso paiz, que mais brilho tem dado modernamente ao nome portuguez nos paizes estrangeiros.

Ao passo que a pintura, a esculptura e a architectura tem duas academias no paiz, e alumnos pensionados pelo estado a estudar no estrangeiro, ao passo que a musica e o canto tem um conservatorio especial e dois theatros subsidiados, um em Lisboa, outro no Porto, a arte dramatica não tem nenhuma protecção do estado a não ser uma pequena escola que pela reforma do conservatorio deixou de fazer parte d'elle, ficando a elle annexa provisoriamente, e o subsidio que o governo dá ao theatro de D. Maria, que é apenas a cedencia do edificio, e não obstante isso a nossa arte dramatica triumpha brilhantemente em todo o Brazil, onde em todos os theatros avultam os artistas portuguezes e o reportorio portuguez, triumpha em Hespanha onde os nossos artistas uma vez que lá foram ha sete annos, foram recebidos enthusiasticamente em Madrid e em Barcelona, e onde uma actriz portugueza Lucinda Simões teve successo quasi egual ao da grande Sarah Bernhardt, qne dias antes ali tinha estado.

Uma arte que assim se faz representar no estrangeiro, que tem essa importancia excepcional entre todas as bellas artes do nosso paiz, parece-me ter direito a que se olhe para ella attentamente a que os governos a protejam pelo menos contra os perigos gravissimos que a ameaçam.

Um d'esses perigos é com certeza o novo Colyseo.

Os theatros portuguezes que nada custam ao estado, ao passo que o theatro lyrico de Lisboa lhe custa 25 contos por anno, o do Porto, seis ou nove contos, não vivem vida farta e desassombrada porque a população de Lisboa é pequena para tantos theatros.

Agora vem um novo concorrente, um theatro que comporta oito mil espectadores e que vae explorar companhias extrangeiras, isto é, espectaculos que mesmo que não tenham outro merecimento tem o da novidade, o que basta para attrahir o publico, para desviar para ali a corrente dos espectadores com manifesto prejuizo dos theatros portuguezes e portanto da arte nacional.

Nós já cá tinhamos permanentemente um circo dando espectaculos de inverno com cavallinhos e companhias estrangeiras, que fazia muito mal aos theatros portuguezes

Agora vem outro e de muito maior dimensões: amanhã virá outro e dentro em breve a arte nacional desapparecerá em proveito das companhias estrangeiras.

Pode ser isto? Deve ser isto?

E' justo deixar assassinar a arte dramatica d'um paiz pela concorrencia de espectaculos estrangeiros? Não será isso um crime de leso-patriotismo agora que tanto se falla em patria?

E no fim de contas era tão facil conciliar as coisas — bastaria apenas dar completa liberdade da exploração theatral com companhias extrangeiras nos quatro ou cinco mezes de verão, e restringir muito essa liberdade—por qualquer modo — nos mezes de inverno, como se faz por exemplo em Madrid.

Havemos de voltar ao assumpto que interessa a todos porque não se trata do interesse d'um theatro, d'um artista, d'um individuo, trata-se do interesse da arte dramatica nacional.

Gervasio Lobato

BISPO D'ANGOLA E CONGO

É tão importante o trabalho, que d'este virtuoso Prelado se está publicando no *Clero Portuguez*, sob o titulo de *O patriotismo e o clero*; são tão justas as apreciações que os mais levantados espiritos e as mais rectas consciencias do nosso paiz teem firmado na imprensa e no parlamento sobre os relevantissimos serviços do nosso biographado á causa das nossas missões d'alem-mar e do real padroado portuguez, que gostosamente inserimos na longa lista dos nossos homens publicos, dos mais devotados e benemeritos servidores da nação, o nome respeitabilissimo e venerando de D. Antonio da Silva Leitão e Castro.

Natural de Lisboa, onde nasceu a 10 de janeiro de 1848, toda a sua vida publica de ha mais de vinte e cinco annos tem sido consagrada ás nossas missões da Asia e Africa, deixando em todas ellas os mais luminosos vestigios da sua administração intelligente e prestimosa.

Tem exercido os logares de vigario geral de Bombaim, visitador e governador das missões da Archidiocese de Goa, vigario geral de Meliapor, substituto eventual do Arcebispo Primaz do Oriente na delegação apostolica dos bispos suffraganos, Prelado de Moçambique com o titulo de bispo de Licopolis, d'onde foi transferido para Angola e Congo ha mais de seis annos, e em todos estes pontos tem gravado na historia uma pagina brilhante do seu governo e de sua actividade valiosissima. Considerado por todos os governos como um dos prelados mais distinctos do Episcopado Portuguez, foi em 1884 encerregado de inspeccionar o Real Collegio das Missões Ultramarinas de Sernache de Bomjardim, onde foi preciso cortar abusos e males inveterados, que poderiam sem grandes delongas terminar por fechar o unico estabelecimento n'este genero que possuimos, e lançando as bases de uma administração zelosa e economica, de uma direcção mais consentanea com os interesses d'esta casa, formulou e propoz ao governo os estatutos porque ainda hoje se rege, esclarecendo proficientemente o governo do abandono em que o Collegio então se achava, e da enorme divida a que se viu obrigado a satisfazer por meio de um emprestimo de 15 contos de reis no Banco de Portugal, pagos a prestações trimensaes com os rendimentos do convento de Chellas.

Ainda superior d'esta casa por alguns mezes, quando começava a desenvolver toda a sua energia e actividade para a tornar proveitosa ás necessidades das nossas missões, de novo é chamado pelo governo para em seu nome conjunctamente com o nobre Marquez de Thomar se encarregar junto da Santa Sé de resolver, como o mais conhecedor do assumpto, as difficuldades que então se levantaram para a Concordata do Padroado da India.

Não podendo chegar a um accordo que satisfizesse por completo as aspirações do governo de então, o bispo de Angola e Congo regressou a Lisboa para informar o ministerio do que em Roma se passara, e como já estivesse preenchido o logar de Superior das Missões Ultramarinas, que só interinamente por alguns mezes exercera, partiu no proximo vapor para a sua diocese, onde se conserva vae em seis annos contra todos os conselhos medicos e do proprio governo da provincia em visitas pastoraes ao Congo, Huilla e outros pontos affastados do littoral, expondo-se aos mais duros trabalhos de viagem, a todas as febres emfim, unicamente por dever de sua missão apostolica.

Onde o bondoso prelado presente uma necessidade a remediar ou um beneficio a praticar, sejam quaes forem as difficuldades a vencer, vemol-o sempre transpor os maiores perigos, sendo o primeiro nas privações como o ultimo nos commodos e regalos. Em viagem pela sua diocese africana pode dizer-se um dos mais completos modelos da vida apostolica e missionaria.

Não ha por isso um unico dos seus subditos, que não lhe dedique a mais affectuosa estima, não lhe testemunhe as sympathias e louvores de que é digno. E se os ha, podemos affirmar sem receio de desmentido, é porque a ingratidão com o seu cortejo de paixões ruins não poupa até os mais devotados á pratica do bem, e continua o seu caminho de perversão no mundo. A civilisação ainda não pode cortar a lingua a esta serpente venenosa e maligna.

Seria agora longa a lista dos serviços que o meretissimo prelado tem prestado em todas as suas commissões de serviço publico; maior ainda se a pretendessemos corroborar com as palavras do saudoso Arcebispo Ornellas, de Antonio Augusto d'Aguiar, visconde de S. Januario, Ferreira do Amaral e outros.

Para não deixarmos de mencionar alguns trabalhos da sua vida missionaria na India, faremos o resumo de alguns documentos importantissimos do seu governo em Bombaim.

Em 1877 expediu uma circular, annunciando o começo da sua visita ás egrejas, e exigiu dos missionarios seus subordinados: 1.º um inventario dos bens moveis e immoveis, que possuissem a egreja principal e as egrejas e capellas annexas e as confrarias n'ellas instituidas; 2.º a folha da receita e despeza ordinaria d'ellas e da extraordinaria provavel; 3.º a folha com as contas do ultimo mez. Mandou avisar os fieis que elle receberia quaesquer queixas e accusações, que por ventura tivessem de fazer ácerca da malversação dos fundos dos cofres.

Em 1878 mandou nova circular, prohibindo que no districto de Baçaim, se arrematasse antecipadamente o producto das futuras esmolas, que os fieis houvessem de lançar por devoção no mealheiro ou cepo das egrejas. Exijiu dos missionarios resposta aos seguintes quesitos: 1.º se na sua freguezia se receberam legados pios, com encargo de se satisfazerem perpetuamente ou só por um certo tempo; 2.º em que consistem esses legados, se em missas, festas, etc; 3.º se acceitaram alguns legados e quaes; 4.º se houve por essa acceitação licença superior. Declarou incursos na pena de excommunhão os ecclesiasticos e seculares que sonegassem qualquer propriedade, alfaias, valores, livros ou documentos pertencentes á fabrica, confraria... bem assim os que retivessem em seu poder, destruissem ou falsamente affirmassem não existir, algum livro ou documento d'essas fabricas, confrarias, etc., ou as não entregassem a si.

As suas pastoraes são tambem notabilissimas, e ainda ha pouco escreveu com o titulo *Pro Patria*, um documento que só por si bastaria para fazer a reputação de um prelado.

Faz pena que um talento d'esta grandeza, um bispo illustradissimo e dedicado como D. Antonio da Silva Leitão e Castro, não tenha sido transferido para onde melhor possa desenvolver as suas poderosas aptidões.

Em qualquer governo da metropole, e até no proprio parlamento, estamos certos que daria um optimo prelado.

D.

APONTAMENTOS SOBRE A MARINHA DE GUERRA DOS DIVERSOS PAIZES

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

(Continuado do n.º 416)

A canhoneira *Vouga* é o maior navio que nos ultimos annos se tem construido no arsenal; sendo lançado ao mar em 1882.

A sua construcção é de ferro e madeira, tendo de comprimento entre 49^{m}70, de bocca 8 metros e de pontal 5,80, a sua lotação é de 721 toneladas, as suas machinas desenvolvem a força de 600 cavallos com o andamento de 9 milhas por hora.

A machina d'este navio foi aproveitada, é antiga, pois já pertenceu a um outro navio da marinha de guerra.

O armamento compõe-se de 4 peças na amurada e um rodizio.

A sua construcção é muito elegante lembrando a celebre *Alabama* e modernas canhoneiras e cruzadores hollandezes, por mostrar pouco pontal acima da fluctuação.

Canhoneiras *Tejo*,[1] *Douro* e *Quanza* são perfeitamente iguaes em tamanho e modelo, variando as suas machinas e andamentos. Armam a lugre-barca, e foram construidas em Lisboa; a *Tejo* em 1869, a *Douro* em 1873 e a *Quanza* em 1877, tem de comprimento 47^{m}20, de bocca 8,20, as suas machinas são do systema *Compoud* da força indicada de 550 cavallos, com o andamento de 10, 9 e 8 milhas por hora.

O armamento d'estas canhoneiras compõe-se de canhões de 15 centimetros de 4 toneladas do systema *Armstrong* de carregar pela bocca !...

Canhoneira *Zambeze* foi construida no arsenal de marinha em Lisboa no anno de 1886, é um navio que dá honra á industria nacional.

Tem de comprimento entre perpendiculares 4^{m},20 de bocca, 8^{m},60 e 590 toneladas de deslocamento.

A sua machina foi tambem construida no arsenal, sob a direcção do engenheiro o sr. Antonio Maria Martins, e tem provado muito bem; é da força de 400 cavallos, com o andamento de 9 milhas por hora.

A construcção d'este navio é do systema *composite*, e aparelha a lugre-barca, o seu armamento compõe-se de duas peças de 6 pollegadas, um reparo de rodizio e 6 na amurada.

Fazendo-se construcções tão perfeitas o que dá a prova mais completa que em Portugal ainda se não perdeu o geito das construcções navaes, mal se comprehende que uma nação colonial e maritima como é o nosso paiz, não tenha a sua industria n'estas construcções organisada para poder produzir todos os navios, ou a maior parte d'elles de que o estado possa necessitar.

Contentemo nos, pois, com estas pequenas mas boas amostras, que de annos a annos sahem do nosso arsenal de marinha, que honra lhe seja, vale bem mais que o do exercito, que dorme um *somno solto*.

Seria bom que o sr. ministro da guerra, olhasse para este arsenal com alguma attenção, para se não fazer reclame com a fundição d'uma pequena peça de bronze, que nada vale.

Faz-se uma unica espingarda para um soldado marinheiro ?

Faz-se um pequeno canhão de aço para uma canhoneira ?

Faz-se um rewolver para um official do exercito ?

[1] Vidè OCCIDENTE n.º 229. A canhoneira *Tejo* está ha tres annos e 4 mezes em Macau, e já não chegará ao Tejo antes de fazer 4 annos de estação... Ora sendo por lei que uma estação nas colonias não poderá ser de mais que dois annos, por aqui se vê quanto é insignificante o numero dos nossos marinheiros, obrigando a guarnição d'um navio a fazer uma estação com o dobrado tempo sem que sejam indemnisados.

....

É necessario que n'um arsensl com um nome tão pomposo, saibam fazer mais que umas pequenas balas de chumbo, ou castiçaes para thronos de Santo Antonio, que nós costumamos vêr todos os annos por essas ruas de Lisboa, no dia 13 de junho.

Em armas brancas não nos consta que *Toledo* fique para cima da antiga Ribeira Velha.

Vimos ultimamente por occasião da exposição industrial portugueza, o arsenal do exercito apresentar umas peças de bronze de carregar pela culatra, que eram muito bonitas, mas só bonitas; porque importancia não tinham. Lembrámo-nos das peças da *Doiradinha* (poesia de Amorim) que eram tão polidinhas que serviam de espelhos para a guarnição se barbear.

Repetimos, precisamos um arsenal em que se faça mais que correames e cavallos de *pau* com soldados de lanceiros tambem de *pau*.

A exposição d'este estabelecimento era tão insignificante, que tendo o OCCIDENTE dado um artigo muito desenvolvido a respeito da Exposição Industrial Portugueza, escripto pelo sr. Manuel Barradas, este sr. pouco ou nada encontrou que dizer a respeito do Arsenal do Exercito.

Nós, quizeramos, que no Arsenal do Exercito se fizesse artilheria, já não dizemos os grossos canhões, mas muito mais do que se faz.

E' pois necessario que a par do desenvolvimento da marinha, venha tambem o do Arsenal do Exercito, para que não continuemos no atrazo em que infelizmente nos encontramos.

Canhoneiras *Rio Lima*, *Sado* e *Tamega*[2] são todas de igual modelo, tendo cada uma de comprimento 48^{m}80, de bocca 9,^{m}20 e 610 toneladas de deslocamento.

As suas machinas desenvolvem a força de 500 cavallos, com o andamento de 10 milhas por hora.

O seu aparelho é de lugre-barca, como quasi todas as canhoneiras portuguezas. O armamento d'estes navios compõe-se de um rodizio de 15 centimetros de 4 toneladas de pezo, e 4 outras peças menores nas amuradas.

Foram construidas em Inglaterra em 1875, sendo a sua construcção de ferro e madeira, ou do systema *composite*.

Estas canhoneiras são tambem muito elegantes, pena é que não possam aliar á elegancia uma boa construcção.

Ellas custaram bom dinheiro e apezar de serem construidas em Inglaterra...

Canhoneiras *Mandovi* e *Bengo* são muito elegantes, e bem postas n'agua, armam em escuna, foram construidas em 1879 nos estaleiros de Laird Brothers, em Birkenkead Inglaterra.

São perfeitamente iguaes tendo de comprimento 41,^{m}25, bocca 7,^{m}90 sendo o seu deslocamento de 425 toneladas. As suas machinas são do systema composto ou de alta e baixa pressão com a força indicada de 420 cavallos sendo seu andamento de 10 milhas por hora.

O seu armamento compõe-se de um canhão do systema Armstrong de 6 polegadas, de carregar pela culatra, montado em reparo de rodisio a meio navio e duas peças de 10 a amurada, de carregar pela bocca !...

Estas canhoneiras são de uma construcção especial, sendo o interior de ferro e forradas exteriormente de teca e zinco.

Canhoneira *Rio Ave*[3] foi construida em Lisboa no anno de 1882 é de 380 toneladas. Este navio tem de comprimento 39,^{m}60 de bocca 4,^{m}04 e de pontal 3,^{m}30 o seu aparelho é de lugre.

As machinas são da força de 300 cavallos com o andamento de 8 milhas.[4]

O seu armamento compõe-se de 3 peças.

Esta canhoneira sendo uma das ultimas construcções nem por esse motivo sahiu muito bôa tendo sido crismada com differentes epithetos como a *bota*, o *tamanco*, etc., porque assim como outros são muito elegantes este é de um modelo muito feio e mesmo o seu andamento não é realmente de 8 milhas. Este navio em boas condições de tempo e mar não anda mais que cinco !

(Continúa) *Grumete.*

AS NOSSAS GRAVURAS

O MOSTEIRO DE RORIZ

A 24 kilometros ao norte do Porto, encontra-se a pittoresca povoação de Roriz, com o seu vetusto mosteiro gothico, um bello exemplar do genero, pela pureza de architectura, que conserva em quasi toda a sua fabrica.

O mosteiro cercado de viçosos pomares, em que as floridas laranjeiras avultam em quantidade, apresenta um encantador quadro, que agrada tanto á vista pelo pittoresco, como ao olfato pelo aroma rescendente da flôr da laranjeira.

N'outro paiz em que houvesse um pouco de amor pela arte, ter-se ia conservado em poder do Estado este precioso exemplar de construcção gothica, não se arriscando nas mãos d'um proprietario particular, que por fortuna, não teve a idéa de o applicar a algum mister profano, em que se demolisse alguma das suas partes para interesseiro aproveitamento, n'esta época de materialismo.

O mosteiro de Roriz é hoje propriedade particular do sr. Manoel Marinho Falcão de Castro que a herdou de seu pae, o primeiro visconde de Roriz.

Como este mosteiro foi parar ao poder do fallecido visconde de Roriz é o que vamos vêr.

Roriz hoje é apenas uma freguezia, entretanto é povoação antiquissima e foi villa e cabeça de concelho. Foi solar dos Rebellos, familia nobre que teve o senhorio do Couto de Rebello no concelho de Roriz.

E' anterior á fundação da monarchia o mosteiro de Roriz, pois que em 887 o rei D. Affonso de Leão o *Magno*, deu este edificio á condessa Muma Dona

Em 1173 estava o mosteiro na posse da corôa e D. Affonso Henriques deu-o aos conegos regrantes de Santo Agostinho.

D. João II mediante auctorisação do papa Innocencio VIII e do arcebispo de Braga, instituio n'este mosteiro uma commenda, em 1492.

Em 1560 extinguiu-se o ultimo commendatario, e o mosteiro voltou á posse da corôa, sendo n'esse mesmo anno dado pela rainha regente D. Catharina, a pedido do Cardeal D. Henrique, aos padres jesuitas do collegio de S. Paulo de Braga.

Supprimida a companhia de Jesus, em Portugal, por decreto do marquez de Pombal de 3 de setembro de 1759, passou o mosteiro de Roriz para a Universidade de Coimbra, que o vendeu, segundo parece, ao citado visconde de Roriz.

A nossa gravura, reproducção de uma excellente photographia do sr. Claro Outeiro, um distincto photographo amador que nos tem brindado por vezes com magnificos exemplares da sua artistica collecção, representa a vista exterior da egreja do mosteiro, que serve de freguezia.

E' um templo vasto, de uma só nave e para o qual dá entrada uma magestosa porta em arco de ogiva, sustido por um grupo de cinco columnas por banda, sendo estas columnas alternadamente cinzeladas em flôres e conchas, e outras lizas, rematadas todas por capiteis em forma de cabeças de toiros.

Interiormente a egreja tem tido alguns reparos, como o do arco cruzeiro que é de construcção posterior á fundação.

Fóra da egreja e debaixo de um portico, vê-se um tumulo com o brazão d'armas dos Mascarenhas e dos Silveiras Lobo, não tem porém inscripção que indique quem ali esteja sepultado.

Quem viajar no norte do paiz e fôr ao Porto, ponto principal da provincia do Douro, não perde o seu tempo se fôr a Roriz visitar a pittoresca povoação e o seu mosteiro.

A AFRICA SEGUNDO OS INGLEZES

Em fevereiro no OCCIDENTE da serie d'este anno em um dos artigos que sob o titulo de *Inglaterra conquistadora* aqui temos publicado, diziamos: — E' já tarde para pensarmos n'uma ligação portugueza entre as nossas colonias de Angola e Moçambique.

«Pois não estão entre essas colonias estabelecidos os povos dos reinos Matebeles e Machonas ? Pois o recente districto do Zumbo não está dentro dos largos tratos de terreno conhecidos nas cartas geographicas pela designação de — *Limite da concessão de Paiva de Andrada* — alcançando o Chire ?»

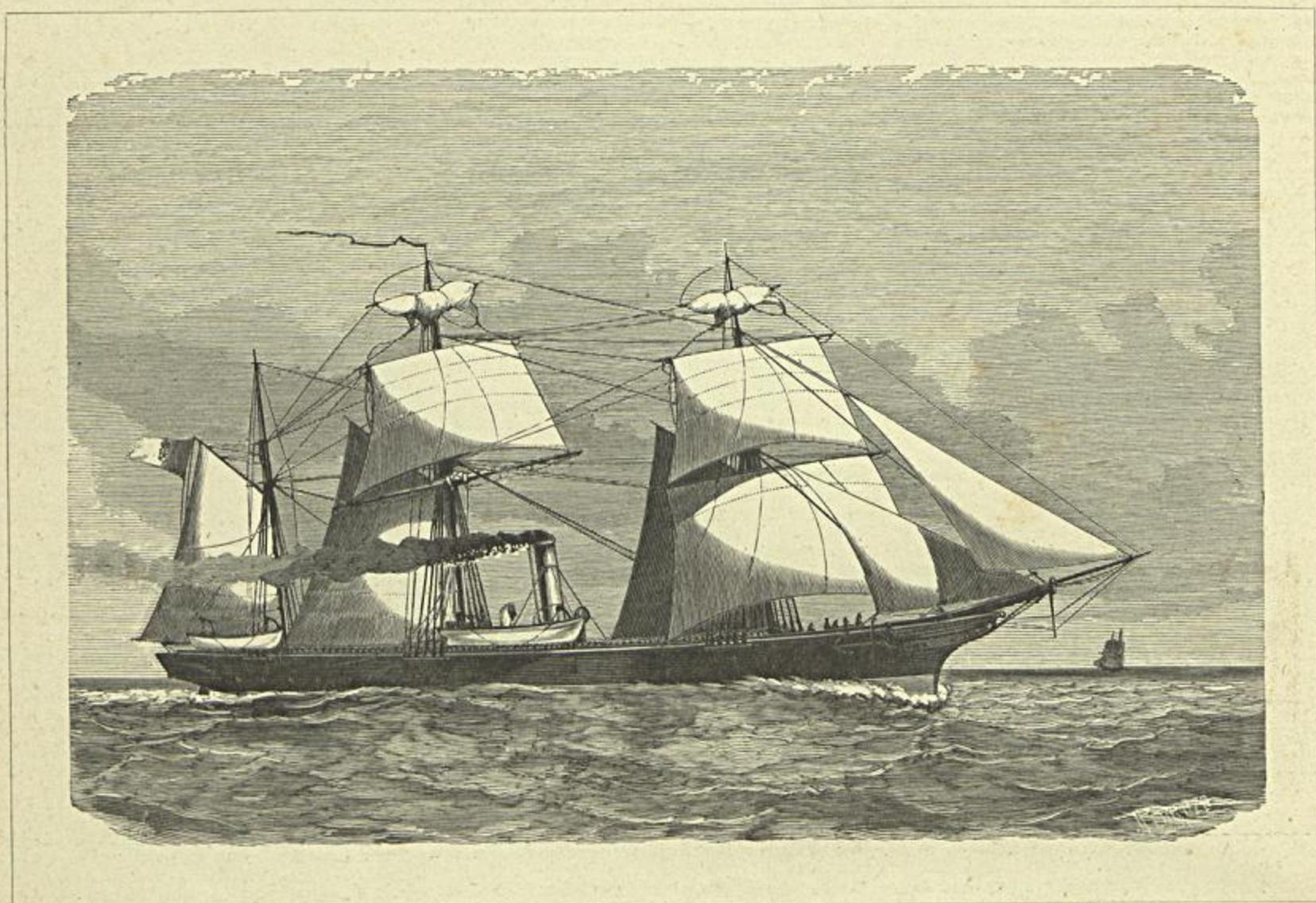
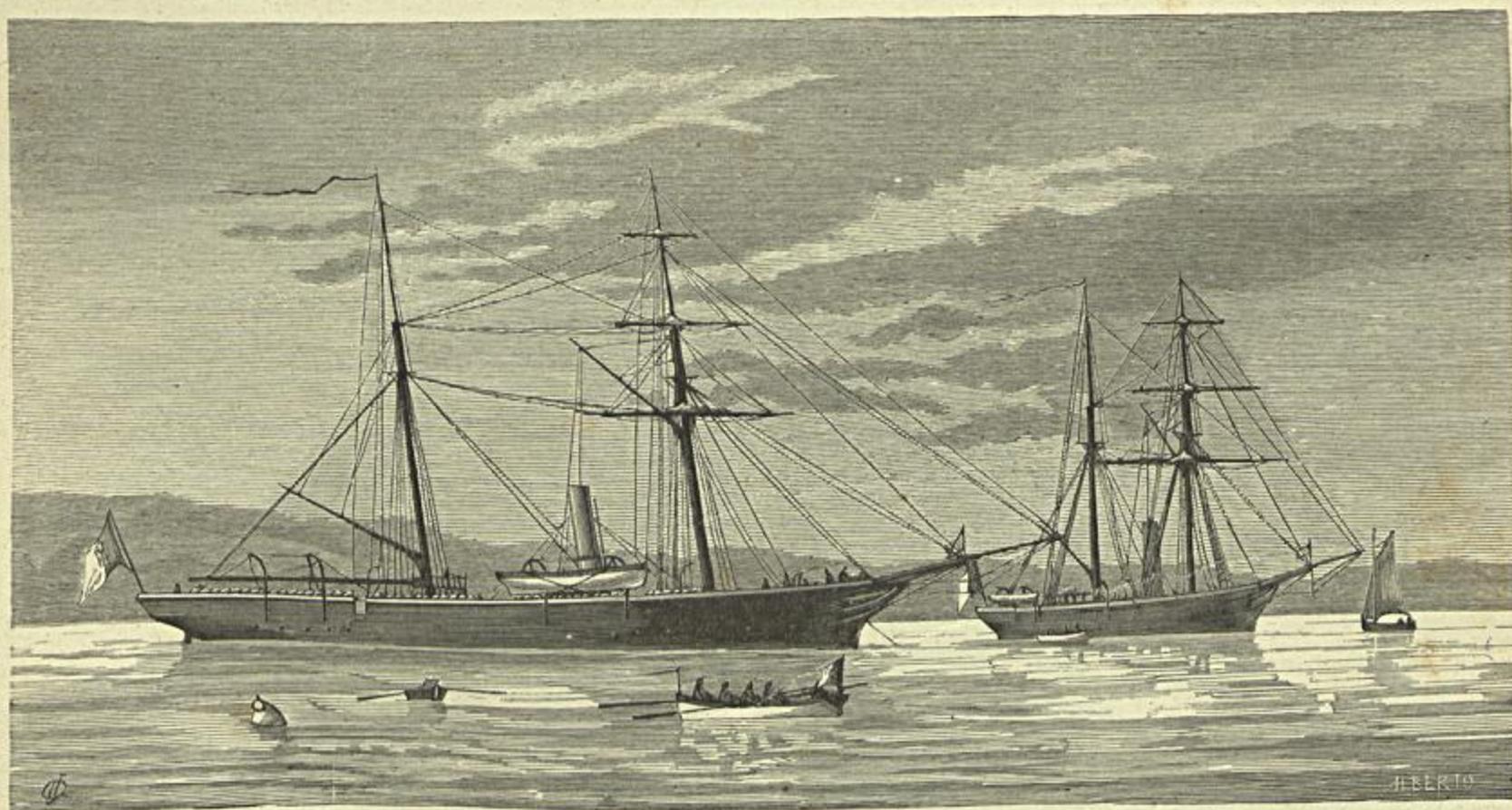
«Já são tambem inglezes estes povos?»

E concluiamos, logicamente, que possuir Moçambique ou Angola sem dispôr do commercio do sertão, essas provincias não tinham condicções de existencia portugueza.

Hoje vêmos pelo mappa que publicâmos que os inglezes consideram o interior d'Africa completamente da Inglaterra.

Ora este mappa que o OCCIDENTE publica tem

[2] Vidè OCCIDENTE n.º 373.
[3] Vidè OCCIDENTE n.º 296.
[4] Esta canhoneira figura em qualquer annuario com o andamento de 8 milhas.

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

A CANHONEIRA «QUANZA»

AS CANHONEIRAS «BENGO» E «MANDOVI»

Vide artigo: Apontamentos sobre a marinha de guerra dos diversos paizes, etc.

um alto valor para esta triste questão internacional, por isso que é publicado pela *Illustrated London Nevs* de Julho, o primeiro periodico illustrado de Londres. *A Illustrated London Nevs* não publicava um mappa que não fosse auctorisado pelo ministerio das colonias, em que não entrasse a direcção e as indicações de Stanley, o maior inimigo dos africanos portuguezes.

As nossas previsões foram confirmadas por um cavalheiro, meu consocio da Sociedade de Geographia de Lisboa, altamente colocado na politica portugueza; pois, ainda assim, não nos quizemos aproveitar de um facto que *parecia* depender das negociações encetadas entre os governos de Portugal e da Inglaterra.

O Occidente primou sempre em não explorar em proveito do seu cofre qualquer facto que de leve podesse ferir a susceptibilidade nacional.

O Occidente, se quizesse fazer politica em seu favor publicava o que então sabia e não podia provar, e o resultado seria vendermos todas as edicções que fizessemos por mais larga tiragem que houvesse de cada uma d'ellas.

Queremos viver pobres mas honrados. Assim todos o entendessem.

O Occidente quando publicou os artigos *A Inglaterra conquistadora* sabia que desde 1877 a 1887 os inglezes tinham conseguido pelo lado norte de Moçambique subir o Rovuma virar para o Lugenda e assenhorearem-se de ricas minas de carvão; pelo sul faziam do Shoshong base de operações para intrigarem todo o gentio das diversas tribus, comprehendidas entre esta povoação e o nosso Bié, intriga que além d'outros muitos resultados, ainda não vindos a publico, já deu o do *suicidio* do nosso Silva Porto; estudaram todo o Mobangi e o Cubango; empolgaram o nosso commercio no Bocusso; e no lado de Este fizeram um caminho seguro ligando os lagos Nyassa e Tanganica; desde 1885 que estão inglezes no Zambeze, no Ibo e Quilimane; não existe hoje um negro em volta das nossas colonias que não esteja armado pelo inglez contra nós; para oeste dos nossos districtos de Sofala e Manica está o paiz dos Matebelles que é actualmente um *claim* inglez. Os homens incumbidos de taes serviços alcançados sob a vista e com o cego auxilio das nossas auctoridades ultramarinas—que, seja dito em abono da verdade, não se teem cançado de mandar extensos relatorios para o nosso ministerio da marinha onde só muito recentemente se ha lido algum — até 1877 eram Arnot Stanley o verdadeiro assassino de Silva Porto, sir Sidney Shippard, o padre Grenfell, Evan, Jonh Stervart, o celebre calumniador Goodrich, o padre Hamington, O'Neill o espião do Ibo e Quilimane e Stephenson o que artilhou os vapores dos lagos; — O Occidente sabia isto e não o publicou, sabia que era impossivel, já n'estes ultimos treze annos, fazer a travessia de Angola para Moçambique, ou vice-versa, sem encontrar o inglez ou o seu rastro. Por patriotismo e confiança nos nossos homens politicos não o escrevemos.

Mas, francamente, agora, em frente do mappa publicado este de mez de julho pela *Illustrated London Nevs*, não sabemos o que pensar! Este mappa representa a opinião ingleza e allemã a respeito do nosso poderio em Africa.

Os portuguezes ficam apenas com uma facha no litoral do lado oriental, comprehendida entre a foz do Rovuma e Lourenço Marques, com a designação de *territorios portuguezes*. Do lado occidental apparece-nos a nossa provincia de Angola confundida nos terrenos por explorar, e n'uma lettra quasi desvanecida, como que a sumir-se por entre os braços que indicam os rios, a palavra *portugueese*. De modo que parece haver ali, no centro d'aquelles sertões, uma feitoria ou uma fazenda chamada «*Portugueese*», mas Angola é segundo o mappa inglez um terreno por explorar, offerecido, patente ali como uma taboleta á ganancia das nações europeas entestando com o Estado livre do Congo e com o *french Congo*!!!...

A provincia de Moçambique, essa fica reduzida a uma tira de praia que está mesmo a pedir expropriação por parte de forças inglezas, ou allemans.

Infeliz Patria....

M. B.

HISTORIA DO INFANTE D. DUARTE

PARTE O INFANTE DO CASTELLO DE GRATZ PARA O DE MILÃO

(Excerpto)

(Continuado do n.º antecedente)

Os transtornos que a viagem de D. Duarte experimentára, tinham sido grandes, e iam acarretando comsigo fataes consequencias. A cavallaria, impaciente pela demora, começou a mostrar signaes de desagrado; o commissario imperial, longe de procurar aquietar os soldados, conservou-se inactivo, e estes atreveram-se até a pedir mais soldo; ao que Navarro acquiesceu, temendo-se amotinassem, caso tanto mais serio, por constar a força de gente de varias nacionalidades, valachos, hungaros, croatas, etc. O temor de Navarro augmentou-se, quando elles imaginaram que os queriam obrigar a passar á Italia, ao que de nenhuma maneira annuiriam; e, ainda mais, ao saber ter-se espalhado uma voz de se pagarem duzentos mil ducados pela liberdade do infante. Que origem teria semelhante boato? Do intento do conde da Vidigueira para corromper os que o guardavam? Não nos atrevemos a avançal-o, porque só a *Historia genealogica* affirma esta tentativa. Nasceria porventura de algum dito vago de qualquer dos creados do infante? Ou seria apenas um estratagema da soldadesca para obter maior soldo?

O MOSTEIRO DE RORIZ

(Segundo photographia do photographo amador Sr. Claro Outeiro)

Aqui ainda surgiram novas complicações. O barão Curtz, commissario da archiduqueza Claudia, dirigiu-se a Nauderich, e procurando Navarro, disse-lhe que sua alteza resolvera mandar com a comitiva, até Pontalto, oito leguas dentro da Enguediva, um capitão d'este paiz, que o conduziria em nome de sua alteza, para evitar o prejuizo, que, sem tal precaução, pudéra provir á jurisdicção litigiosa, pretendida pelo Tyrol até áquelle logar. Chegou o capitão a Nauderich, e Navarro não lhe quiz falar, nem mesmo vel-o, para, nem de leve, imaginarem os grisões, que, havendo-lhes pedido passagem pelo seu territorio o imperador e sua magestade catholica, pretendiam arvorar-se em juizes arbitrarios das pendencias que tinham com os povos seus vizinhos. A fim de prevenir taes supposições, e o seu mal, discorreu largamente Navarro com Curtz, ácerca da pouca conveniencia da missão, ao que este respondeu que o official d'ella encarregado não procederia a nenhum acto, a não ser que alguma pessoa publica dos grisões lhe perguntasse o motivo da sua ida. N'este caso protestaria por escripto; mas, não encontrando inconveniente, voltaria ao sitio d'onde partira, enviando uma relação a sua alteza de haver acompanhado D. Duarte e a sua comitiva até Pontalto.

A isto acudiu Navarro, ponderando-lhe que os creados de sua magestade catholica de certo não desejavam prejudicar os direitos de sua alteza, antes, procurariam estender o seu dominio; que disputar n'aquella occasião ácerca dos limites d'este, seria obrigar os grisões a negarem a passagem concedida e a fazerem volver atraz a comitiva, com consideravel gasto, e grande perigo da guarda de D. Duarte; que podia mesmo resultar d'aqui algum levantamento, e que o povo do paiz lhe tirasse das mãos o preso, que levavam com tanta responsabilidade e cuidado; que sua alteza concedera o passo livre pelos seus estados a pedido de suas magestades cesarea e catholica, o que aquella novidade alterava completamente; e que se devia considerar o socego com que o comboio havia transitado pelo Tyrol, causando-lhe na sua marcha utilidade em vez de damno. Esgotadas estas razões, Navarro accrescentou, com alguma cholera, que não acreditava, considerando o expendido, senão que algum ministro mal affecto intentava perdel-o, e perder a todos que o acompanhavam; que não podia persuadir-se, em vista das rectas intenções de sua alteza, que intentasse mandar executar um acto em que não se conseguiria proveito nenhum, antes, se correria immenso risco, se os grisões penetrassem o fim da commissão; e que, se apenas se tratava de um protesto, que, não se pondo impedimento ao capitão, seria mental, elle Navarro ou algum dos seus companheiros, o faria por escripto, em nome de sua alteza, e lh'o enviaria authenticado, com o que se acautelava o que sua alteza queria, e se cumpria o seu intento; que Luiz de Paniza passaria ao Tyrol com a sua gente, conforme se insinuara da parte de sua alteza, e tomaria conta da pessoa de D. Duarte em Nauderich; e que, não sendo grisões os que comboiavam a este, nem sendo coisa que lhes tocasse, não tinham elles que allegar como acto possessorio a passagem, pelo contrario, era a mesma em favor dos direitos de sua alteza. Ainda houve entre ambos algumas duvidas, concluindo finalmente o barão de Curtz que não deixaria de cumprir as ordens que recebera. Despachou então Navarro, a toda a pressa, um correio ao secretario João de Castillo, que D. Fradique Henriques deixara em Inspruck, para que representasse a sua alteza o pouco fructo da sua determinação, e a revocasse. Todas estas novidades originaram serias apprehensões em Navarro, mas o negocio resolveu-se, não sabemos como, antes de vir a resposta da archiduqueza.

A quinze, ás duas horas da manhã, chegou a Nauderich o ajudante Francisco de Robles, com carta de Luiz de Paniza, em que avisava que ia marchando na volta da Valtelina, mudado do proposito de passar pela Enguediva, por causa de alguma intelligencia da parte dos portuguezes, ou dos seus affeiçoados, para libertar D. Duarte, com a casa de Platas, numerosa e hereje, e que a dezesete estaria em Maltz, limite do Tyrol por aquelle lado.

Sabido isto, e concordada a partida entre Navarro e o commissario imperial, o barão de Stubemberg, deixou a comitiva Nauderich no dia seguinte, dirigindo-se ao logar que se aprazara, e onde se devia fazer a entrega do infante, para o que foi preciso retroceder tres leguas. Finalmente no outro dia, dezesete, ao romper da manhã, descobriu-se ao longe, na campina, Luiz de Paniza, com cento e sessenta infantes, gente escolhida, e vinte e cinco cavallos, e com os capitães Olva e Medina, mandados pelo governador do estado milanez, o conde de Siruela, expressamente para servirem n'esta occasião. Correu Navarro ao seu encontro, e elles dois e o barão de Stubemberg convencionaram o modo de entrar em Maltz o comboio hespanhol, e de sahir o allemão, o que se ajustou fosse ao mesmo tempo. Entrou o hespanhol, entregou-se o preso a Paniza, poz-lhe este guardas; mas o commissario imperial, apezar d'isto e do que se assentara, não partiu. Convencionou ainda Navarro que sahisse primeiro com a sua gente o commissario imperial, e elle e a sua duas horas depois; mas o commissario tambem não esteve pela convenção, dizendo, no ponto de effeitual-a, que só lhe competia mandar alli, e não a outrem, e que havia de partir por conseguinte quando quizesse. Navarro temendo que a consequencia de teima semelhante fosse alguma desordem da soldadesca, sobretudo havendo ella jantado, e estando um pouco alegre, sahiu de Maltz com os hespanhoes á uma hora, e n'esse mesmo dia (dezesete), á tarde, chegou a Santa Maria, logar já situado na terra dos grisões, «dando eu, exclama Navarro, muitas graças a Deus de me haver livrado do comboio e do seu conductor (o barão de Stubemberg)».

Ao separar-se e despedir-se do commissario imperial, conta Birago e os que o seguiram que o infante, cheio de resentimento pela ingratidão e perversidade de Fernando III, rompeu n'estas palavras contra elle: «Dizei ao imperador que mais sinto haver servido a um principe tyranno, do que ver-me preso, vendido, e entregue aos meus inimigos, mas que permittirá Deus que venha alguem que faça o mesmo a seus filhos, os quaes, por serem da casa d'Austria, não são mais privilegiados do que eu, que sou do sangue real de Portugal, e que a historia falará por elle, e por mim».

Se Taquet não assegurasse que o infante lhe mandou um apontamento, confirmando este facto [1], negariamos a sua veracidade. Achamol-o em absoluta contradicção com o caracter soffredor e sizudo do infante, e com a moderação de que sempre usou a respeito de Fernando III, excepto uma vez, que o fizeram perder completamente a paciencia, com perseguições e descortezias, como veremos. Demais tamanho desabafo teria melhor cabida ou quando elle soube que o monarcha allemão o entregara aos hespanhoes, para ser levado a Italia, ou quando definitivamente viu que partia de Gratz, caminho de Milão. Estranhamos sobretudo o silencio da relação de Navarro, tendo este aliás todo o interesse em relatal-o ao conde-duque, supposta a sua vontade de prejudicar o infante, e admittida a impossibilidade de ignorar o caso, visto ser em publico; silencio que não guarda quanto ás outras palavras que dentro de pouco o infante soltará em Mortugno contra os seus guardas, em cuja brandura se nota um contraste frizante com as que acabamos de referir. Vem ainda em nosso favor a seguinte razão. Tão acre e extensa invectiva contra o imperador não podia ficar occulta ás pessoas que acompanharam o infante, as quaes, sendo-lhe, em geral, mal affectas, deviam espalhar a noticia em Allemanha e em Milão. Passaram-se quasi quatro annos; accusaram-o de haver dito que antes quizera ter servido o turco do que Fernando III; entrou essa accusação no seu processo; e nem ahi, nem na obra *Portugal convençida con la razon*, de D. Nicolau Fernandes de Castro, um dos juizes d'elle, vem a minima allusão ás suppostas palavras. E note se, que Castro conheceu a historia de Birago; d'onde se conclue a pouca fé que lhes prestou. Quanto a nós, ellas serão, quando muito, ampliação d'alguma phrase passageira, dita na occasião, sem importancia, e que por isso escapou ao conhecimento de Navarro, ou foi por elle desprezada.

(Continua) *José Ramos Coelho.*

[1] Bib. da Ajuda, Mss., Corresp. de Luiz Pereira de Castro, vol. 1, Advertencias do infante para os ministros portuguezes no congresso de Munster.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XXI

E resmungando estes doloridos queixumes contra as versatilidades dos superiores da guarda municipal em materia da designação das casas da guarda do Passeio Publico, o cabo foi enchendo a parte da occorrencia, parte bem carregada, que tomada ao pé da lettra por um juiz severo devia acarretar sobre o auctor do attentado um bom par de mezes de Limoeiro. O Dominguinhos, vendo que não havia maneira de fazer entrar na dura cachimonia do cabo da guarda a explicação da sua innocencia, succumbiu; e sentando-se a um canto da tarimba esperou cabisbaixo, macambuzio, desanimado, a sua triste sorte.

Ao mesmo tempo no terceiro andar defronte, o sr. Leitão, sua esposa, sua filha e a Ignacinha, sentados á meza em frente da terrina de sopa de pão, constellada de verdejantes raminhos de hortelã, que embalsamavam a casa toda, esperavam a chegada do conviva, do generoso e heroico Dominguinhos, para começar o seu repasto.

Mas o Dominguinhos não apparecia, e como demonio havia elle de apparecer se estava mettido nas garras da municipal.

Quando passaram cinco minutos sem o Dominguinhos apparecer, o sr. Leitão fez uma careta e disse:

—O' homem! Vae tardando! Quando se passaram dez, fez careta maior e murmurou.

—Que demora!

Quando passou o quarto d'hora, o sr. Leitão desesperado, ergueu-se commentando a demora.

—Isto não pode ser! Aconteceu-lhe por força alguma coisa.

—Por força! corroboraram ao mesmo tempo a sr.ª Leitão e a Ignacinha verdadeiramente assustadas com aquella demora inexplicavel.

E os minutos continuavam a passar, o tempo voava, a sopa arrefecia, e nada de Dominguinhos.

O sr. Leitão tirou-se dos seus cuidados, poz o chapeu na cabeça e desceu a escada n'um pulo.

Atravessou a rua e foi direito á casa da guarda.

—O que é que quer? perguntou-lhe o soldado de sentinella.

—Não entrou para aqui ha pedaço um sujeito, um rapaz.

E deu os signaes do Dominguinhos.

—Entrou, sim senhor.

—E ainda lá está?

—Sim senhor... está e estará, respondeu o sentinella.

—Ah! tem demora? perguntou o sr. Leitão, não comprehendendo o alcance da resposta do soldado.

—Tem demora, tem.

—Eu desejava fallar-lhe... pode-se entrar?

—Não senhor, não se pode entrar.

—Então diz-lhe a elle, se faz favor de chegar aqui.

—Elle não pode chegar nem aqui, nem a parte nenhuma, respondeu sombria a sentinella.

—Não pode chegar aqui? perguntou espantado o sr. Leitão.

—Não senhor.

—Porque?

—Porque está preso.

—Preso? repetiu o pae da menina Ignacinha no auge da admiração.

—Prezo, sim senhor.

—Prezo porque?

—Não sei... isso não é comigo.

—Mas o camarada está enganado, disse o Leitão.

—Enganado? Veja lá como falla e com quem falla, disse franzindo o sobrolho o soldado, começando a zangar-se com a massada.

—Enganado sim senhor, repetiu o Leitão.

—O senhor insulta-me?

—Eu!

—Vem aqui de proposito para insultar a auctoridade?

—Oh! senhor! Eu não vim para insultar pessoa alguma, disse muito sincero, muito digno o sr. Leitão.

—Pois sim, não veio para insultar, mas está insultando.

—Mas em que o insultei eu, camarada? perguntou o sr. Leitão muito atrapalhado... Em lhe dizer que estava enganado...

—Uma auctoridade nunca se engana...

—Peço desculpa, mas enganar-se não está mal a ninguem... É da natureza humana, camarada, o enganar-se é proprio do homem.

—Eu não quero saber de quem é proprio, o que não posso admittir é que me faltem ao respeito.

—*Errare humanum est*, continuou o Leitão, muito erudito, muito profundo.

—Oh! seu brejeiro! gritou o soldado, encavacadissimo com aquelle palavriado que não entendia!

—Bregeiro! repetiu o sr. Leitão todo ruborisado da offensa...

—Se você me principia cá a dizer palavrões e dichotes...

—Palavrões e dichotes! Oh! santo Deus! exclamou o Leitão erguendo os olhos ao céo.

—Se me principia a dizer palavrões e dichotes eu chamo ás armas!

—Valha-me nosso senhor! Então o camarada quer chamar ás armas por eu fallar latim?

—E não se ponha cá com coisas quando não vae já empandeirado...

—Empandeirado! Perdão! Eu sou funccionario publico, sou empregado do Estado e um empregado do Estado não se empandeira assim. Veja lá como falla...

— Ah! não? Então já vae ver. Salte já lá para dentro...

E dizendo, o soldado pegou-lhe por um braço para o metter na casa da guarda.

O Leitão reagiu, e entre os dois travou-se ligeira lucta.

—Salte lá para dentro, vamos disse o soldado puchando-o com ancia.

—Não salto, tornava o sr. Leitão, resistindo com energia.

Os curiosos iam-se juntando a presencear aquella scena de que não sabiam a explicação.

Por fim, vendo que o Leitão não ia assim com dois puchões, o soldado gritou para dentro :

— O' rapazes acudam aqui!

A guarda sahiu logo em armas com o cabo á frente.

— O que vem a ser isto? perguntou o cabo.

— Não é nada, não é nada, senhor cabo, disse logo o sr. Leitão, muito amavel, serenando immediatamente á vista da força armada.

—E' mais um da tal sucia! disse a sentinella.

— Ah! Sim?

— Perdão, senhor cabo...

— Siga lá para dentro, ordenou brutalmente o cabo, lançando-lhe a mão tambem.

Então d'entre o povinho que presenceava o caso levantaram-se gritos energicos de protesto, de indignação.

— Larga o preso! disseram uns.

— Não bata no homem! disseram outros.

— Morra a guarda! gritaram alguns mais esturrados.

E então a berraria subiu de ponto e toda a visinhança chegou ás janellas.

A mesma Ignacinha e sua mãe que estavam sentadas á mesa á espera do Dominguinhos ouviram essa algazarra e correram á sua varanda a ver o que era aquillo.

E chegaram precisamente á janella na occasião em que o Leitão empurrado pelo cabo e pelos soldados entrava a estrebuchar na casa da guarda.

A menina Ignacinha reconheceu logo seu pae, e desmaiara, a sr.ª Leitão reconhecera tambem immediatamente seu marido e em vez de desmaiar desceu pela escada abaixo n'um abrir e fechar d'olhos.

Chegou cá abaixo n'um pulo e avançou fula, desvairada, alucinada para a casa da guarda.

A multidão abriu alas para ella passar presentindo que ia dar alguma scena grande, desusada, original.

E a multidão não se enganou.

A sr.ª Leitão avançou cega para a casa da guarda : a sentinella tomou-lhe o passo erguendo ameaçador a coronha da arma.

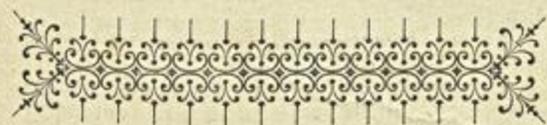
Mas bem se importava a sr.ª Leitão n'aquellas alturas com coronhas d'armas.

Atirou-se como uma panthera ao soldado, arrancou-lhe da mão a espingarda e atirou-a a elle, surprehendido pelo inesperado ataque de ventas ao chão.

— Ás armas! ás armas! gritou o soldado muito atormentado;

A guarda sahiu outra vez de cabo á frente e d'ahi a nada a sr.ª Leitão entrava lá para dentro no meio de gritos estridentes d'ella e de uma gritaria infernal da multidão e juntando-se com o seu marido, com o Dominguinhos e com o Quim, o fatal Quim Barradas, o auctor e causador de toda esta sinistra tragedia.

(Continúa)

Gervasio Lobato.

REVISTA POLITICA

A camara dos deputados já approvou o monopolio do tabaco e a camara dos pares queima os ultimos cartuxos da sua oratoria, para tambem o approvar.

Provado todos os inconvenientes do monopolio, só podiam ser attenuados pelas necessidades do thesouro, mas cremos que são justamente essas necessidades que deviam aconselhar o contrario.

Diz-se que o monopolio traz para o Estado um augmento de quatrocentos e cincoenta contos annuaes de receita sobre o que a *regie* estava produzindo.

Ora, se este augmento se dá effectivamente, é porque o tabaco é susceptivel de render mais do que rendia, mesmo mais do que os quatrocentos e cincoenta contos, porque os contratadores do monopolio não vão trabalhar nem arriscar os seus capitaes de graça, e se isto é assim como se comprehende que o Estado precisando de augmentar as suas receitas, despreza uma parte d'ellas em beneficio de particulares?!

Aqui só vemos uma coisa, é o Estado passar a si proprio diploma de mau administrador, coisa, emfim, em que todos estão concordes, mas que qualquer governo não devia confessar tão ingenuamente, tanto mais na occasião em que lança novos tributos ao povo.

Isto teem-se discutido largamente na imprensa, foi discutido no parlamento e por fim o monopolio foi approvado como um salvaterio das finanças!

O peior de tudo é que o Estado empenha por deseseis annos esta fonte de receita, e que o paiz terá que soffrer durante deseseis annos, pelo menos, as consequencias de um monopolio que tão odioso foi em tempos que já lá vão.

O projecto do caminho de ferro de Mossamedes, foi outra medida que a camara dos deputados discutio nos ultimos dias e contra que a opposição se manifestou.

O principal fundamento da opposição era a inopportunidade do projecto attentas as precarias circumstancias do thesouro.

Ora nós que não fazemos aqui politica partidaria e apenas relatamos e criticamos os factos segundo o nosso modo de vêr, isento de toda a paixão e facciosismo, não podemos deixar de notar a opposição que se fez ao projecto.

Se, desde 1852 até hoje só se tivessem emprehendido melhoramentos publicos quando as circumstancias do thesouro o permittissem, cremos bem que ainda teriamos que fazer testamento antes de emprehendermos uma viagem ao Porto; ainda nos entreteriamos a vêr contradançar as taboinhas do telegrapho suspensas na sua grade de pau; ainda nos conservariamos, emfim, tão estacionarios como a China, não nos emancipando sequer do rabicho.

As circumstancias do thesouro, parece-nos que nunca tem sido folgadas, e prova-o o maldito deficit que ha tantos annos nos presegue, e se demasiadamente se tem abusado do credito, sem curar de limitar despezas improductivas, não temos que nos arrepender do que se tem gasto com os melhoramentos publicos.

Sem esses melhoramentos as nossas circumstancias seriam muito mais precarias em face das outras nações, e se ainda assim soffremos as consequencias do nosso atrazo, muito mais soffreriamos se nos deixassemos estacionarios.

Hoje que a questão colonial nos assalta por todos os lados; hoje que se levantam lamentos e censuras pela incuria dos governos em tratarem de desenvolver as nossas possessões; hoje que mais do que nunca estamos sendo victimas d'aquella incuria, mal se comprehende que no parlamento hajam vozes que se levantem para combater a construcção de um caminho de ferro, n'uma das possessões mais promettedoras e florescentes da nossa Africa.

O facciosismo produz d'estes contra censos.

Entretanto o projecto foi approvado, e se todas as medidas governativas tivessem o alcance d'esta muito nos deviamos applaudir pela boa marcha dos negocios publicos.

Por fim uma outra questão tem prendido as attenções do publico, e excitado um pouco esse publico.

A conclusão das negociações com a Inglaterra é a questão que mais preocupa o paiz, negociações que parecem terminadas, ainda que o resultado d'ellas não é officialmente conhecido do publico.

Está se especulando com varias versões que tem apparecido na imprensa inglezas a respeito d'este negocio.

Nós aguardamos as declarações officiaes; porque não ha outro remedio senão aguardal-as, visto que o melindroso do caso não permitte a mais leve indiscripção.

D'esta calada deve sahir grande cousa, e tudo se prepara para a surpreza, que será apresentada ao parlamento ainda n'esta sessão segundo se diz.

João Verdades

RESENHA NOTICIOSA

Ministro de Portugal em Vienna d'Austria. — Regressou a Lisboa o sr. Conde de Valenças nosso ministro em Vienna d'Austria. Com o illustre diplomata vieram tambem a sr.ª Condessa de Valenças e suas gentis filhas.

Alvaro Ferraz (Castellões). — Chegou a Lisboa no dia 24 do mez passado o illustre africanista engenheiro Alvaro Ferraz, que veio por via de Italia. Na estação de Santa Apolonia era esperado por alguns amigos e socios da Sociedade de Geographia entre os quaes se achavam os srs. Luciano Cordeiro e Antonio Maria Cardoso. Foi uma recepção intima sem aparatos nem curiosos. Alvaro Ferraz foi hospedar-se no Hotel Universal.

Frederico Oom. — Pôz termo á vida o contra-almirante e director do Real Observatorio Astronomico da Ajuda, o sr. Frederico Oom. Parece que este triste desenlace teve por causa a alteração das faculdades intellectuaes do distincto astronomo, alteração revelada ha tempo por alguns symptomas em que se manifestava a mania de perseguição.

O sr. Frederico Oom estudou astronomia na Russia, no observatorio de Pulkova, com grande distincção.

Entrou para a marinha como aspirante em 9 de Dezembro de 1832, contando 12 annos de idade, e foi promovido a contra-almirante por escala em 27 de fevereiro d'este anno, depois de ter exercido todos os postos da armada.

Era socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, commendador de Aviz e cavalleiro da ordem de Santo Estanislau do 2.º grau.

Astronomo de primeira capacidade, deixa uma falta difficil de preencher, alem da grande saudade á familia e aos amigos que muito lhe queriam.

E' aterradora esta derrota que vae pelos homens mais prestantes do nosso paiz.

A Navegação a vapor para Africa. — A proposta de lei que auctorisava o governo a contratar, precedendo concurso, o serviço de navegação regular, a vapor, entre Lisboa e a Costa Oriental da Africa, estabelece que haja tres carreiras mensaes, sendo : a 1.ª entre Lisboa e Mossamedes, com escala por S. Vicente ou S. Thiago, S. Thomé e Loanda ; a 2.ª ligando com a precedente, entre Mossamedes e Tungue, com escala por Lourenço Marques, Inhambane, Quelimane, Moçambique e Ibo até Zanzibar ; e a 3.ª (supplementar) entre os portos de Chiloane, Sofala, Tungue e Inhamissengo, ou Chinde, ligando com a 2.ª, no porto que fôr mais conveniente. Os vapores destinados á 1.ª carreira não podem ser menos de 3 e terão a lotação de 3:100 toneladas, com accommodações para 180 passageiros. Os vapores destinados á 2.ª carreira não podem ser menos de dois, terão 1:900 toneladas de registo e accommodações para passageiros de todas as classes ; os vapores destinados á outra carreira terão 500 toneladas de registo e accommodações para passageiros de 1.ª e 2.ª classes.

A duração de cada viagem, entre Lisboa e Mossamedes e Mossamedes a Tungue será de 24 dias. A duração das viagens entre os portos de Chiloane será calculada de modo que, tanto na ida como na volta, se ligue este serviço com o dos vapores da carreira entre Mossamedes e Tungue.

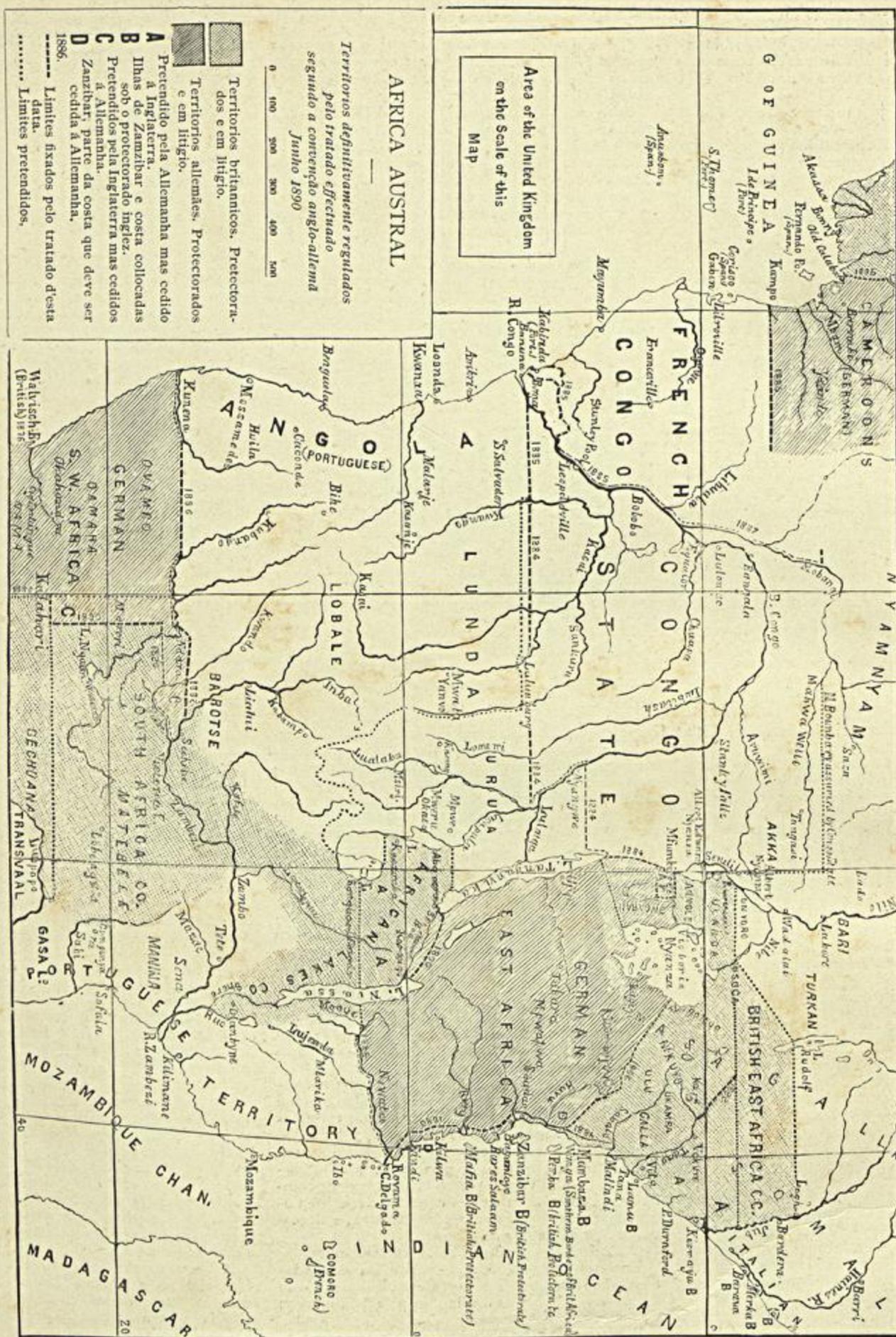
Os vapores deverão ser construidos de modo que possam ser empregados como transportes ou cruzadores em caso de guerra.

A empreza obriga-se a transportar gratuitamente as malas do correio ; 20 colonos, pelo menos em cada viagem, e um fiscal do governo. E com o abatimento de 20 p. c. os passageiros e carga do estado.

O governo approvará as tarifas de passagem e carga, que não poderão ser superiores ás existentes no mez de junho ultimo.

A empreza é obrigada a dar á carga proveniente do Porto vantagens eguaes á expedida de Lisboa.

A empreza é portugueza, para todos os effeitos, sendo a maioria dos seus empregados portuguezes, e receberá do governo o subsidio de 378:000$ reis, correspondente a 12 viagens redondas.

A AFRICA SEGUNDO OS INGLEZES

MAPPA DAS POSSESSÕES BRITANNICAS E ALLEMANS, EM AFRICA

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Julio Cesar Machado, *retrato litterario*, por Alfredo Mesquita. Lisboa, Livraria A. Ferin. Um livrinho de 30 pag. in-8.º *Retrato litterario* do iminente folhetinista, e não o podia ser mais fiel, feito por quem de tão pouco tempo o conhecia, como o sr. Alfredo Mesquita confessa dizendo:

«Conheci Julio Cesar Machado pouco tempo antes da sua morte»... e depois «Foi isso em meiados de abril do anno passado»... E apesar d'isso o sr. Mesquita dezenha perfeitamente o perfil litterario de Julio Machado como se o tivera conhecido dos tempos em que elle era o Machadinho, Verdade verdade que Julio Machado conservou sempre a mesma feição, a mesma alegria de quando era rapaz, e quando o destino cruel lhe matou essa alegria innata, companheira de toda a sua vida, elle matou-se.

Felicitamos o sr Alfredo Mesquita pelo excellente retrato que apresenta do nosso infeliz amigo Julio Machado.

Historia da Luzitania e da Iberia.— Recebemos o fasciculo n.º 19 ficando n'este ponto, a parte distribuida do 1.º vol., em paginas 608. Esta obra immorredoura de João Bonança tem honrado os desejos do seu auctor

Assignaturas: por fasciculos de 32 paginas, pagos no acto da entrega em Lisboa e outras terras, em que houver estações postaes, 400 réis cada fasciculo; por volumes. paga adeantada, 6$000 reis cada volume. Depois de publicada, a obra custará 27$000 réis.

Cada um dos trinta exemplares da tiragem especial em papel Whatman, rubricados pelo auctor, 90$000 réis.

Está publicado o 1.º volume. Preço 9$000 réis

As assignaturas por fasciculos podem começar do 1.º volume já publicado.

Assigna-se: — Em Lisboa, Rua Ivens, 41, e nas principaes livrarias.

Typ. e lyth. de Adolpho, Modesto & C.ª
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43